

HELLEN PERUCCI

**PELOS
ALAMBRADOS DO
FUTEBOL AMADOR
EM ANTÔNIO PEREIRA**



crônicas, memórias e afetos

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

P471p Perucci, Hellen Santos.
Pelos alambrados do futebol amador em Antônio Pereira [manuscrito]:
Crônicas, memórias e afetos. / Hellen Santos Perucci. - 2022.
40 f.: il.: color..

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Bravin.
Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto.
Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Jornalismo .

1. Crônicas brasileiras. 2. Futebol - Ouro Preto (MG). 3. Memória
coletiva - Ouro Preto (MG). I. Bravin, Adriana. II. Universidade Federal de
Ouro Preto. III. Título.

CDU 796

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa-Bibliotecário Coordenador
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407

PELOS ALAMBRADOS DO FUTEBOL AMADOR EM ANTÔNIO PEREIRA

crônicas, memórias e afetos

HELLEN PERUCCI

Diagramação

Paulo Eduardo

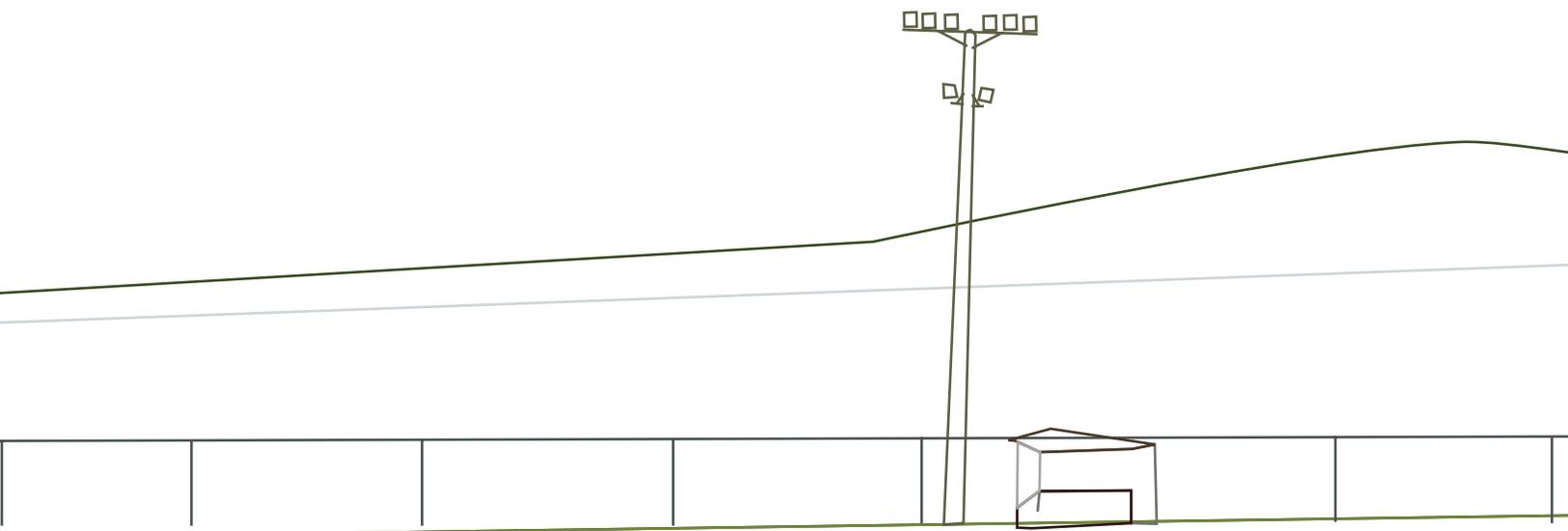
Prefácio

Roberto dos Santos

Posfácio

Gilson Fernandes

2022



CAMPO DO PEREIRÃO

Meu nome é Estádio Manoel Furtado
Mas de “Pereirão” sou chamado
Por minhas gramas já se passaram muitas histórias
Nacional, Alagoano, Tabuleirense e muitas glórias

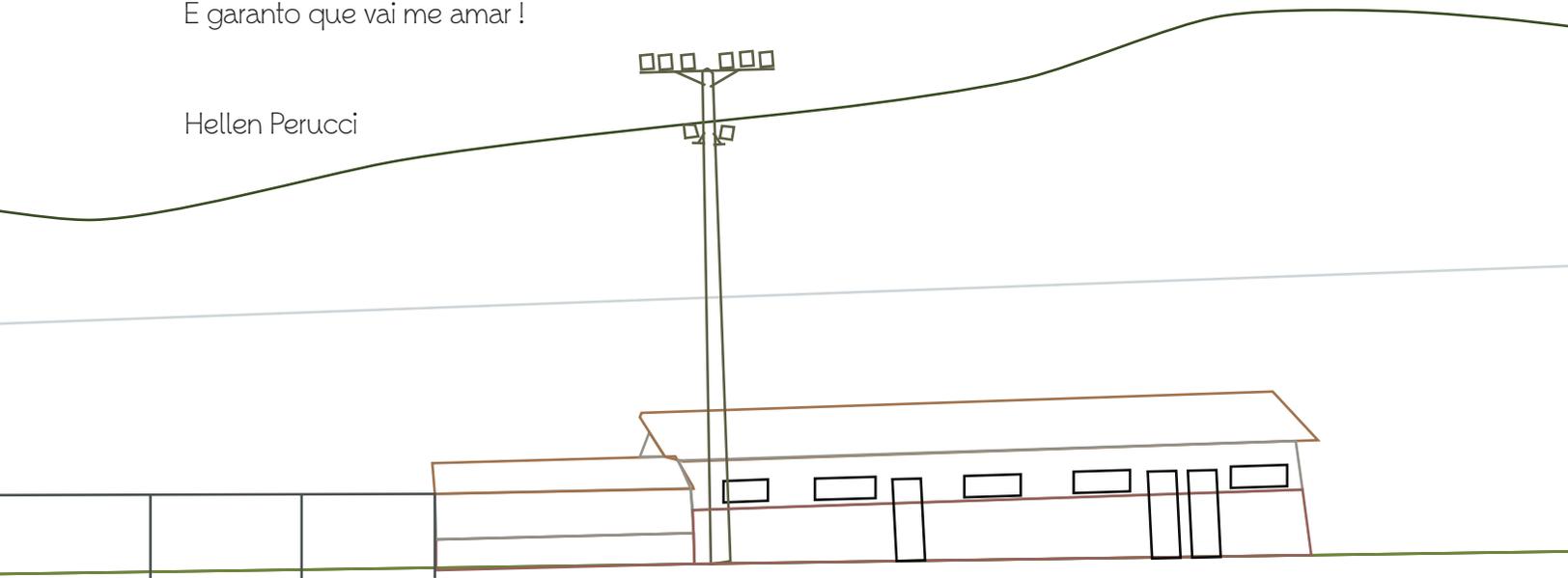
Todo ano recebo um campeonato
Muito bem organizado
Conheço pessoas de todos os lados
A magia começa com as águas de março
E se encerra no mês de maio

Mas não venha me visitar
Apenas em três meses do ano
Todo domingo de manhã joga o time veterano
Num ambiente familiar
Que é impossível não gostar

Minha localização é na Rua da Lagoa
Pode perguntar pra qualquer pessoa
Aqui o sonho voa
E a paixão pelo futebol ecoa

De minha reinauguração
Em 2022 completo 14 anos
Te convido a me visitar
E garanto que vai me amar !

Hellen Perucci



Introdução

Essa foi uma das perguntas que fiz aos meus amigos quando decidi ir a campo realizar as entrevistas, para compor este Trabalho de Conclusão de Curso, para eu conseguisse sair do formato pergunta-resposta e ter uma boa “resenha de boleiros”. A expressão que dá título a esta Introdução é utilizada em Minas Gerais em momentos que lembram descontração, hospitalidade e informalidade. É comum que longas e prazerosas conversas sejam regadas a uma bebida, alcoólica ou não, e petiscos, também chamados “tira-gosto”.

Por dias me peguei pensando em como realizar um trabalho completo e, para isso, as fontes precisavam ficar confortáveis, se sentirem à vontade para me contar os bastidores desse universo tão rico e vasto que é o futebol amador. Cogitei um milhão de cenários: casa das fontes, minha casa, praça, bares, açai... Pensei até em criar um cenário semelhante ao dos famosos “podcasts” e, por fim, decidi que as entrevistas aconteceriam no campo do Pereirão, afinal, que outro lugar poderia ser? A ida ao campo foi, literalmente, a campo.

Cenário decidido, criei grupos no WhatsApp e marquei as conversas que, com exceção do Helvécio, 67, Janil, 51, (entrevistados em suas casas) e Roberto dos Santos, 52, (entrevistado em minha casa), aconteceram em campo com os atletas Gabriel Carvalho, 27, Gabriel Queiroz, 26, Dionatas Camilo, 31 e Deivisson Borges, 28, com ajuda do meu amigo Igor Lino, 26, no campo Manoel Furtado. Nome, aliás, que o leitor verá

por muitas vezes neste livro e espero que fique familiarizado e se lembre de alguma experiência com sua família ou até mesmo no seu bairro.

Eu, Hellen, que vos escreve, conto essas histórias ao leitor com 22 anos vividos. Mas para que as crônicas resgatassem o histórico e preservassem a memória de um esporte tão estimado e tradicional em Antônio Pereira, contei com personagens de variadas épocas, que me mostraram como o futebol é mágico, surpreendente e perpassa gerações. Isso, somado aos dados que puderam ser checados posteriormente.

Se repassar as idades das fontes mencionadas há pouco, você conseguirá perceber que os amantes das quatro linhas me ajudaram a reconstruir momentos que antecederam meu nascimento! Sou suspeita para dizer, mas acho o jornalismo encantador por vários motivos, mas não é uma verdadeira honra, poder contar histórias de todas as épocas e ainda atestar veracidade através de documentos, trazendo à comunidade experiências, momentos marcantes, que se confundem com a história do distrito e com uma paixão em comum? Sobretudo, espero que ao ter contato com meu trabalho, o leitor goste do jornalismo e de tudo que ele pode contribuir, assim como eu sou, assim como eu me encantei com cada linha aqui escrita.

O papo com os entrevistados foi tranquilo e a timidez não foi um desafio a ser batido. A escolha do cenário, acredito eu, contribuiu muito para ativar incríveis memórias em cada um dos amigos que toparam, com muito carinho e confiança, participar dessa obra. Um segredo que usei foi: ao final da entrevista, sempre perguntava se tinha algo que não perguntei e que a pessoa gostaria de contar, ou, após resumir com minhas palavras o que foi dito, perguntava, também, se havia algum complemento. Com essas duas perguntas conseguia o “pulo do gato” algumas das vezes e a sonhada interjeição “Ah!”, aparecia e mais detalhes do esporte bretão

do distrito compunham meu trabalho, já que o Nacional de Antônio Pereira, foi criado por laços de amizade e também graças ao trabalho nas empresas de mineração, principal fonte de renda das famílias locais.

Mais do que as conversas que compunham as entrevistas, o contexto histórico e social que envolve o distrito de Antônio Pereira também está presente neste livro. Pelo risco constante, desde 2020, a Barragem de Doutor, da empresa Vale, localizada no distrito, passa por obras de descomissionamento. Explico. Essas são obras para eliminar estruturas de depósito de rejeito de minérios de ferro, proveniente da mina de Timbopeba, de maneira que ao drená-los e retirá-los da estrutura, a barragem deixará de existir e não haverá risco para a população. Entretanto, a previsão para que isso se conclua é de 8 anos e preocupa os moradores a cada etapa do processo, visto que, em reunião com a comunidade, no dia 22 de outubro de 2021, a empresa responsável atestou falha na obra inicial para esta finalidade.

Assim, o futebol se faz resistência em meio às obras que rodeiam, também, o campo Manoel Furtado: basta olhar o entorno e ver um cenário que reflete uma nova realidade. Por vezes, o campo que antes abrigava apenas festas de torcidas e jogadores, agora também cede espaço para caminhões, sons e o medo constante de que uma sirene soe para além de cada primeiro sábado do mês, dias estipulados para o teste que mostra que o alerta funciona em caso de emergência.

O ato de entrevistar é gostoso na mesma proporção que é difícil e delicado. Para uma entrevista de 12 minutos contados pelo gravador do celular, permaneci no campo durante 4 horas, observando as idas, vindas, expressões e atenta as interrupções que aconteciam que também se tornaram parte importante da constituição deste livro.

Também me preparei para imprevistos, sempre “previstos” nos manuais de jornalismo durante a graduação: as fontes furarem, não responderem, o equipamento falhar, os problemas pessoais, o medo das fontes travarem (tranquilamente resolvido) e, em cada um desses desencontros, saber como preencher o que estava faltando para que o trabalho não perdesse sua essência. Afinal, era meu sonho nascendo.

Outro desafio foi o tempo... Ah, o tempo! Se me chamassem Coelho Branco, de “Alice no País das Maravilhas”, eu atenderia. Uma constante sensação de “estou atrasada, estou atrasada”, mas a cada degrau avançado nessas dores e delícias chamadas Trabalho de Conclusão de Curso, me sentia muito orgulhosa da minha caminhada e trajetória. Por mais que a sensação de não conseguir dar sequência aparecesse, tentava me lembrar do motivo que me levou a querer registrar, em minha trajetória acadêmica, algo tão importante para a minha comunidade.

Um pequeno detalhe sobre o título desta obra, antes que eu me esqueça, caro leitor! Decidi usar o termo alambrado por se tratar de uma proteção física, feita de tela, utilizada entre torcida e campo. E é nesse local, onde os torcedores costumam se “espremer”, encostados nos arames, que são ouvidas as expressões mais genuínas: se tem gol, os torcedores sobem no arame; se o árbitro errou, os torcedores expressam sua raiva; se do campo teve um chute mais forte, protegem o torcedor. E não adianta. É do alambrado que se vê toda a festa, é nele que se depositam todas as emoções, e são universais pelos campos amadores. Se os alambrados falassem, com certeza, seriam minhas fontes principais, afinal, cada pedacinho desgastado traz consigo um sentimento, uma sensação, um lance em algum momento único, que espero ter retratado nesta produção.

Aos créditos: O prefácio foi escrito por Roberto Santos, meu tio

Robertinho, que deixou seus dribles pelos gramados de Antônio Pereira e da Vila Samarco. A diagramação é assinada pelo meu querido amigo e companheiro de curso Paulo Eduardo. No mais, espero que ao folhear estas páginas, você, caro leitor, encontre todo amor que pretendi passar em cada crônica e em cada apuração e, sobretudo, que mergulhe no futebol amador do distrito de Antônio Pereira. Boa leitura!

Do meu jeitinho e com muito carinho,

Hellen Santos Perucci. <3

Prefácio

No poema “o sonho” de Clarice Lispector ela diz: “Seja o que você quer ser, porque você possui apenas uma vida e nela só se tem uma chance de fazer aquilo que quer.”

Hellen Perucci, nas crônicas escritas com maestria, relata um sonho parecido com esse versado pela notável Clarice Lispector. Sonho construído não com cadeiras a mesa, mas as margens de um campo de futebol.

Confesso que me senti retratado nas palavras que ora tinham formas poéticas, em outras primorosas informações. As lágrimas que brotavam em meus olhos, enquanto as lia, respaldavam os relatos à minha frente: chorei por ler, ali, a vida de muitas pessoas pereirenses. Afinal, os relatos se dão numa escala temporal variada, e as memórias dos tempos idos se fundem com o tempo presente, fazendo com que a história se torne uma só.

Hellen Perucci demonstra toda sua sensibilidade quando retrata a importância do futebol amador ou de várzea, a nomenclatura não importa tanto, o que verdadeiramente importa, são os inúmeros detalhes relatados.

Ao ler as crônicas, percebemos que o futebol em Antônio Pereira conseguia ter um alcance muito além das quatro linhas. Era algo grandioso, um

espaço de entretenimento e socialização. Os enlaces familiares eram reforçados, amizades estreitadas, e novas relações construídas.

Hellen Perucci, moradora do Distrito de Antônio Pereira e amante do futebol amador, conseguiu mostrar a importância do futebol para os moradores do lugar. Construiu a linha do tempo resgatando a história do Nacional de Antônio Pereira, e ainda citou nomes que fazem parte dessa história destacável. A todo tempo ela declara sua relação de amor com o esporte, deixando nas entrelinhas dos seus relatos escritos com muita emoção.

Todo aquele que ama o futebol amador, precisa ler esse trabalho! A partir de Antônio Pereira, o leitor poderá entender mais sobre o que realmente significa o futebol amador, celeiros de craques e palco de inigualáveis emoções.

Dedico este trabalho aos meus pais Mirtes e Odair, aos meus padrinhos Nilce, "Dinha, e Niquito, "Padrim" , aos meus afilhados Valentinna e Conrado, aos amigos que me apoiaram nessa estrada e à comunidade de Antônio Pereira. A Dra Cathia Rabelo e toda equipe da cardiopediatria da Santa Casa de Belo Horizonte (Viva o SUS)! Dedico também, a meu eterno amigo Yuri Lopes que do céu, tenho certeza que cuidou para que tudo desse certo. Saudades eternas, meu amigo querido!

Agradecimentos

Como começar os agradecimentos de um trabalho que consolida a graduação dos meus sonhos? Primeiramente gostaria de começar agradecendo a Deus e a intercessão de Nossa Senhora da Lapa; aos meus pais Mirtes e Odair Perucci que se desdoblaram para que chegasse até aqui; A Dra Cathia Rabelo e toda equipe da Cardiopediatria da Santa Casa de Belo Horizonte, porque se esse coração bate mais forte pelo jornalismo, é graças ao SUS; “Padrim” Niquito e “Dinha” Nilce por todo zelo e pelas orações; Agradeço também aos amigos da graduação, em especial: Letícia Cristina por ter sido minha dupla dentro e fora da sala de aula, a Thaís Domingos pelo ombro amigo, a Regiane Oliveira pela paz, calma e amizade, e também ao Paulo Eduardo pela amizade e carinho singulares no mundo e por aceitar o desafio e transformar meu sonho num trabalho visual tão lindo. Um obrigada especial aos companheiros da Rádio Real Fm pelos aprendizados, ensinamentos e carinho. Aos docentes: Carlos Jáuregui pelo 1 ano de Iniciação Científica, fui muito feliz e pude aprender muito! E a Adriana Bravin, Orientadora do presente trabalho, pelos conselhos e por não me deixar desanimar. E por fim, a comunidade de Antônio Pereira que com muita confiança me contou histórias e confiou no meu trabalho. Gratidão!

Sumário

▪ Unidade 01 O que tem no futebol amador	
Ao futebol de Várzea com carinho.....	18
O árbitro da Várzea.....	21
O cachorro.....	23
▪ Unidade 02 Histórias que passaram pelas quatro linhas	
Anedota do infiel.....	28
Ao vivo na Ilha da Magia.....	30
Segue o jogo.....	33
A nova visão do campo.....	35
▪ Unidade 03 Pereirão e Nacional Futebol Clube: 4 linhas, 11 jogadores e infinitas histórias	
Nacional de Antônio Pereira.....	40
O jogo virou.....	42
O costurador.....	44
Posfácio.....	46
Bastidores.....	47

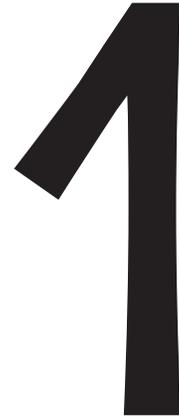




03/12/2021

UNIDADE 01

*O que tem no futebol
amador*



Ao futebol de Várzea com carinho

Todo sonho começa no futebol de várzea.
Seja jogar profissionalmente, seja
a caixa de cerveja ou a Coca-cola
ao final da partida.
E sua principal regra,
é dar a vida e toda a raça possível.”

Futebol amador ou futebol de várzea. Podemos defini-lo como a origem do sonho; a motivação da criança; o berço dos craques; a distração dos finais de semana. Longe das câmeras, dos badalados e milionários campeonatos de futebol, existe um universo paralelo, cheio de esperança, de craques e de inúmeras pessoas que dedicam seu tempo para que possamos ver a cada lance o sonho e o amor pelo esporte amadurecerem e se desenvolverem há um alambrado de distância. Infelizmente, faltam recursos para dar o real mérito aos campeonatos e chamar a atenção dos grandes clubes que creio eu, não fazem ideia de quantos craques já perderam.

O olhar sob o futebol amador chega a ser poético. A poesia começa com a criança que faz do chinelo, uma luva de goleiro e na mais linda prova de pureza e paixão, vê o espaço entre dois objetos como um gol, e a torcida da sua imaginação vai ao delírio com a consagração do grande craque solitário, que logo encontra outro craque solitário até que chegam os coleguinhas que se dividem formando um jogo mais esperado que Real Madrid x Barcelona. Esses amigos serão amigos de resenha para sempre. Para sempre, reafirmo.

Todo boleiro ou boleira tem histórias para contar. Figuras como o técnico; o camisa 10; o homem gol; o “Fio Maravilha” cantado por Jorge Ben Jor; o herói; o vilão; o predestinado e a promessa estão sempre presentes em fatos que, ‘cá pra nós’, não veremos em cinquenta anos de Champions League. Casos esses, que são narrados com brilho nos olhos e um amor inexplicável que, de fato, nos dão uma nova definição do que é Futebol. Na várzea, o amor é a simplicidade, e a motivação são gritos de: “vai, filho (a)”, “você consegue”, “fulano, guerreiro”. Nesses anos de observação, cheguei à conclusão de que ter o nome gritado pela torcida do bairro ou de qualquer time amador que a pessoa jogue, é uma das maiores honras que se pode conquistar, “é banca demais!”. A gente pode acompanhar tudo de pertinho. Se no futebol profissional, a tendência é parar aos 40, no futebol amador, sempre haverá o time de veteranos esperando para aquela resenha. É quase um pecado não jogar pelos veteranos. Pai e filho podem jogar juntos tranquilamente e é fantástico!

Seja em uma partida amistosa ou em um campeonato, o escudo é o distintivo que é defendido até o último segundo. As camisas que entram em campo, me arrisco a afirmar que possuem o mesmo (ou até maior) peso do que as camisas dos clubes de maior expressão. Acredite, os times de várzea são gigantes em suas cidades, bairros e regiões. Poderíamos afirmar que o título, esperado por muitos, quando é alcançado pelo conjunto entrosado e de futebol envolvente, é recebido com muito carinho pela torcida apaixonada. Mas, ao analisarmos ao pé da letra, o time é “buscado” quando o escrete do bairro se consagra campeão, e a torcida invade o campo e comemora junto porque, de alguma forma, todos ali se tornam um só, na verdade sempre foram.

A cada partida, a cada campeonato amador que acontece em nossas comunidades,

temos o privilégio de ver os sonhos, a mágica e a malandragem do belo futebol bem perto da gente, além de conhecermos pessoas que se dedicam ao máximo - torcendo ou jogando -, que cedem seu tempo para manter os sonhos e a magia do esporte vivos nos finais de semana. Pessoas que, depois de uma árdua jornada de trabalho, se dispõem em viagens e enfrentam um sol escaldante para trazerem alegria e entretenimento aos fiéis seguidores que abraçam esse futebol incrível. Pessoas que enxergam esperança nas gerações mais jovens e as treinam porque sabem que o esporte, pode sim, mudar vidas.

Edson Conceição e Aloísio Silva, em 1975, pediram, em música, ao sambista mais novo para que não deixasse o samba morrer. Se a avenida é embalada por sambas-enredo contagiantes, no futebol amador não é diferente: a torcida apaixonada que, na maioria das vezes é composta de famílias e de moradores em comum de um local, abraça e motiva seu time do coração, a partir de batiques, sinalizadores, gritos de motivação e músicas que podem ser criadas na hora ou incrivelmente ensaiadas. Porque se o morro foi feito de samba, descobri que os sonhos são feitos de futebol.

2

O árbitro da Várzea

Em uma rápida pesquisa na internet por “profissões mais perigosas do mundo” encontrei exemplos como a construção civil, limpador (a) de janelas em prédios, dublê de ação, astronauta, eletricista, pescador, dentre outras tantas complexas, arriscadas e importantes profissões que tentam proporcionar o sustento de um cidadão ou cidadã frente à um mundo de desigualdades. Mas me vi embasbacada com a ausência de uma profissão tão perigosa quanto: o árbitro de futebol amador.

Nada se compara ao árbitro da várzea. Como o profissional da construção civil esse personagem é diretamente responsável para que o espetáculo, projetado nas ligas ou no grupos de WhatsApp aconteça da forma mais fiel possível ao esperado; Precisa da serenidade, e equilíbrio durante os 90 minutos (e nos acréscimos de sua própria responsabilidade) tal qual um limpador de janelas frente a um arranha céu; diante de um desentendimento, muita técnica tal qual um dublê de ação, somado a ousadia e amor pelo que a maioria das pessoas julga perigoso demais;

É um profissional curioso, disposto a conhecer novos ares e que facilmente se adapta a ambientes sem muitos recursos já que raramente os campos amadores são bem estruturados, assim como um astronauta; Tal qual o electricista, precisa ser assertivo, de primeira! Caso o contrário, todo o jogo pode ir por água abaixo; E como um pescador, não pode ter medo do atribulado mar de pessoas dentro e fora das quatro linhas e nem da chuva de xingamentos quando um cartão ou gol anulado, não agrada um dos lados.

Ele pode ser um colega de trabalho, seu vizinho, seu amigo, seu primo, seu irmão ou seu pai. Se para o super-homem bastava um óculos de grau para ficar irreconhecível pelas redações jornalísticas e ruas de Metrópolis, para quem escolheu ser autoridade máxima nas partidas de final de semana, um uniforme preto ou amarelo já é suficiente para transformar-se em ladrão, safado, parcial; Ofende-se as mães, os pais e até quinta geração de descendentes.

Perde-se o nome e ganha-se uma expressão: ô juiz, aí não juiz, quando mais educado, poxa seu juiz. Nesse personagem, está o controle do espetáculo, mas também a solidão em que fica imerso durante as duas horas de partida, nem os seus o querem por perto, e se esses laços são retomados durante a partida é para justificativa de favorecimento do time adversário.

“Dionim” é um profundo estudioso do regulamento do esporte bretão: é técnico, narrador e árbitro. Sua presença pelos campeonatos é constante em Antônio Pereira e, ao assumir o apito em um dos jogos, viu seus laços familiares se esvair durante uma partida quando, expulso após duas faltas, seu primo tentou agredi-lo. Para se defender dos perigosos jogos e se sentir tranquilo perante os riscos, esse personagem leva consigo as orações de sua mãe e seu terço.

Quais pecados cometeu este ser para pagá-los dessa forma? Ou qual a dimensão desse amor pelo futebol não profissional a ponto de aguentar tamanha pressão e sem carteira assinada, como hobby, permanecer?

3

O cachorro

Vence qualquer zagueiro na corrida. Passa pela marcação de qualquer volante. Ele é quem dribla o meio campo. Em qualquer partida, é o verdadeiro craque. E mesmo que na maioria das vezes entre sem ser convidado, é sempre bem-vindo.

Se você já acompanhou uma partida amadora, é certo que essa indispensável figura já tenha sido vista: apita o árbitro, chute pra lá, chute pra cá. E de repente, o jogo é interrompido, uma celebridade acaba de entrar na partida (e a substituição nem foi comunicada).

Celebridade sim. E daquelas que tem muitos fãs! Porque, simplesmente, é impossível não contemplar aquela figura única e ilustre dentro do espetáculo sob o tapete verde. Pode ser um jogo importantíssimo, nenhuma torcida reclama da invasão. A luz desse ser se irradia tanto, o coração das pessoas presentes se compadece tanto, que o futebol fica para segundo plano e a prioridade, é que a personalidade saia do local feliz e em segurança.

É assim, com carinho e admiração que o cachorro que sempre invade as partidas

de futebol amador é visto: pode ser o maior torcedor de seu dono e quer protegê-lo dos duros contatos do esporte, pode ser que nem goste tanto de futebol e só queria passear, pode ser um fiel torcedor de algum dos times que se enfrentam, ou pode gostar tanto do esporte que faz questão de interromper uma partida ruim, deixando os jogadores, assim como no jardim de infância, no cantinho do pensamento para salvar os olhos dos espectadores de um jogo meia boca.

Em todos os casos, os esforços são válidos e os méritos reconhecidos. E muito bem, obrigada, a figura de quatro patas chegou até a Copa do Mundo em 1962, no Chile. O “auau”, como diz minha afilhada, deu mais trabalho que o Pelé, infelizmente machucado. O Bob entrou em campo no Brasil x Inglaterra, no Estádio Sausalito, em Viña del Mar, e não teve Mauro Ramos, zagueiro, ou Garrincha, ponta direita, que colocasse aquela figura no bolso. Pé quente, ou melhor, “pata quente”, Bob deu trabalho. Mas o escrete canarinho, que seria bi-campeão do mundo, venceu os ingleses por 3x1. Lembro de Bob apostando refrigerante pelos campos amadores do Chile. Ele venceu.





10/05/2012

UNIDADE 02

*Histórias que passaram
pelas quatro linhas*



Anedota do infiel

A monogamia, dizem alguns especialistas, teve início há pelo menos 4,5 milhões de anos. Desde então, a união conjugal é perpassada por convenções que se ajustaram à vivência e ao período da humanidade. Aprendi que casais devem fidelidade um ao outro, obviamente, quando em acordo entre os parceiros; que devem conversar sobre concordâncias e discordâncias, e que, qualidades e defeitos precisam ser compreendidos e as virtudes devem ser admiradas, acima de tudo.

“Até a página 2” – expressão utilizada para descrever que o que sabemos, não sabemos -. Munida de minhas quase certezas acerca das relações amorosas, fui ao estádio do Pereirão fotografar uma partida de futebol, dessas que acontecem aos sábados pela manhã: se a vida da Amelie Poulain mudou em 48 horas, todas as minhas convicções se esvaíram em segundos. (Se você, caro leitor, não conhece a Amelie e seu fabuloso destino, vale a referência. No filme não tem nenhum campo de futebol, já adianto, mas você encontrará lindas lições da vida em belas cores).

Retomo. Durante a partida, quando exerço a função de fotógrafa, fico à beira do gramado para capturar gols, divididas, curiosidades. É um trabalho bem determinado e sem segredos. Eis que se aproxima de mim o camisa 8, volante, do time adversário, ao que me contatou e diz: “moça, não tira fotos minhas porque estou aqui escondido da minha mulher!” Prontamente respondi: “para não fotografar, cobro em dobro e de infiéis, o triplo”.

Eu aprendi, nesse dia, que todas as convenções da monogamia só funcionam quando executadas das duas partes, já que se trata de um acordo entre partes. Futebol também ensina sobre relacionamentos (mesmo quando não são tão bons assim).

2

Ao vivo na Ilha da Magia

Muito se fala sobre a combinação de futebol e pagode: considero equivalente às combinações entre arroz e feijão; queijo com goiabada ou doce de leite; vegetais e limão; feijoada com laranja. Faço uso de combinações alimentares para que o leitor, junto comigo, entenda: futebol e pagode são deliciosos! O pagode não entra junto, mas depois da partida, é o gostinho no final para o lamento ou para a comemoração de uma partida.

Em Antônio Pereira, não é diferente. Após cada disputa, jogadores e torcedores se encontram para as denominadas “resenhas” e, claro, o gênero musical originado no Rio de Janeiro, é plano de fundo para os sorrisos e complementa o refrescante gosto da cerveja após uma partida ao meio-dia de um verão qualquer, em um campo sem cobertura para o forte sol. Para o lado dos derrotados, brincadeiras sobre os vacilos, “frangos” e duras faltas. E para os vencedores, só sorrisos e celebrações de invencibilidade – foguetório -, mas no fim, vencedores e perdedores se unem para “festar”.

De acordo com o Almanaque Folha, o estilo musical sempre esteve ligado às

reuniões de confraternização, e que os fundos de quintais (entenda como trocadilho, ou não, caro amigo), pelo subúrbio carioca, tinham como temática central, as alegrias e lamentos dos ali presentes e curiosamente, sempre estiveram ligados ao esporte de quatro linhas, em que jogadores de futebol marcavam presença nessas rodas juntos aos cantores e anônimos. Completamente leiga sobre a origem do pagode até o presente escrito, nunca atribui outro significado ao gênero musical, senão a sensação de união, conversas boas e divertimento após as partidas.

Por volta dos meus oito anos de idade, costumava ir ao campo com meus familiares, aproveitando que tios e tias faziam parte da diretoria do Nacional de Antônio Pereira, e que sempre teria algo após a partida como um churrasco, uma festa e toda pompa. Gostava de “cair na farra” com minhas primas, não participávamos diretamente, mas gostávamos de olhar e ouvir música, já que não existiam as plataformas digitais.

Os olhos brilhavam com a animada roda composta por pandeiros, microfones e cerveja - usávamos guaraná para socializar como os adultos - na garagem da casa de minha tia e com toda a rua ocupada. E tudo começava com os seguintes versos: “Lê, lê, lê, lê, lê, lê, lê / Lá em casa”, era a canção chamada “A gente bota pra quebrar”, do álbum “Ao Vivo na Ilha da Magia”, de 2008, do extinto Grupo de Pagode Exaltasamba. Sequer entendíamos a letra, mas sabíamos que a sensação era de felicidade. Em seguida, vinham as faixas: “Abandonado”, “Valeu”, “Muita Calma Nessa Hora”, e passeavam no improviso e com muita alegria por todo o álbum.

E assim, como uma comida que remete a um tempo bom, repito, pagode e futebol se tornaram uma combinação deliciosa. Pela várzea, pelos amistosos e campeonatos que têm como único objetivo confraternizar, também são construídas amizades; laços verdadeiros são consolidados e fortalecidos e se renovam a cada geração. Era criança quando aprendi sobre as festividades pós jogo e hoje, vejo que a fórmula se repete: pelas beiradas das rodas e caixas de som, olhos que brilham!

Não segui o caminho da bola no pé, prefiro escrever sobre ele. E para mim,

momentos bons serão sempre equivalentes ao “Ao Vivo na Ilha da Magia”. E me pergunto, ao que sabor ou a que música a nova geração se mantém apaixonada e determinada a seguir com essas resenhas que trazem bons momentos, boas lembranças e boas amizades até mesmo com o time rival?

3

Segue o jogo

O ano de 2016 foi marcado pelas Olimpíadas do Rio; pela visita do presidente Barack Obama à Cuba; pelo impeachment da Presidenta Dilma Rousseff e pela eleição de Donald Trump à presidência dos Estados Unidos. Mas, nada se compara ao que aconteceu em Ouro Preto no mesmo ano.

Quem mora em Antônio Pereira convive com duros estereótipos, como “pé vermelho”, “da roça”, e isso quando não associados à criminalidade e a barragem, infelizmente. Mas, quem mora aqui, sabe muito bem que a realidade é outra: o lucro produzido não é o lucro retornado e, a falta de investimentos traz evidentes retrocessos e lacunas na vida de muitos jovens.

Se Gonzaguinha aqui estivesse, e a Antônio Pereira visitasse, o verso “eu acredito é na rapaziada” (“E vamos à luta”, 1980), seria dedicado aos moradores que acreditam e dedicam-se para que ao menos as crianças tenham onde se divertir e em quê acreditar em seu futuro, sendo o futebol uma das poucas saídas que meninos e meninas possuem. Por consequência, estão sempre treinando, ainda que longe das táticas mais modernas e dos recursos mais luxuosos.

Foi em uma partida entre os juniores do Nacional de Antônio Pereira contra o OPTC, de Ouro Preto, válido pela categoria sub-16. O juiz autoriza a partida como manda o protocolo. Antes, toda a segurança da torcida e dos meninos precisa ser garantida: policiamento e socorristas. Entre os especialistas em futebol, existe um consenso: “esse é um esporte de contato”, mas o que não se esperava é que a cada dividida (encontros para disputa de bola em um lance), um jogador adversário se machucasse. Saldo final: 3 jogadores do OPTC, à época, saíram da partida de ambulância. Quem estava presente no Campo da Barra não acreditou e, reza a lenda que nem foram marcadas faltas pelo árbitro.

A partida era válida pelo jogo de volta da semifinal do campeonato municipal da categoria, o jogo de ida, no campo do Pereirão, ficou em 1x0 e selando a vitória, os garotos desacreditados do “Pereira” seguraram o empate por 1x1 na barra, se classificando para a final do campeonato, em que seriam campeões pela primeira vez em 22 anos de história.

Pelas arquibancadas, os comentários eram “o caldo do Pereira é mais forte”... Não sei se o “caldo do Pereira” ou as águas contaminadas pela mineração são, de fato mais fortes ou dão superpoderes. Mas, desde então, todos os times de Ouro Preto e Mariana possuem em seus elencos, os antes desacreditados jogadores Pereirenses e eles são sempre os convidados.

4

A nova visão do campo

Durante a minha trajetória no curso de Jornalismo, aprendi sobre a importância dos sons e de como eles compõem uma paisagem. Certa vez, disse um professor: “som é movimento, é ação, se existe um som, algo está acontecendo, e se não tem sons, algo também pode estar acontecendo”. E enquanto acompanhava, do alambrado, uma partida, me atentei a ouvir o que acontecia e o que não acontecia ao meu redor, o que compunha a paisagem pela qual sempre tive muita estima e o que se diferencia, hoje, do que me fazia repleta de alegria na década de 2010.

O Campo do Pereirão ou Estádio Manoel Furtado costumava ser um lugar para se esquecer dos problemas. Seja para quem ia jogar ou para quem ia torcer. Os arredores tinham uma composição quase que artística das montanhas de Minas Gerais, e os sons ficavam restritos aos apitos do juiz, a cânticos ensaiados dos torcedores, a gritos de incentivo ou xingamentos e até, por vezes, a carros de som com pagode ou funk.

De repente, tudo mudou. E a visão de um lugar que antes, no máximo, dividia

espaço com os carros de estacionamento, se transformou, de uma hora para outra e sem tempo para contestação ou questionamentos, em um canteiro de obras. Para mais ser exata, numa via de acesso para a obra do vertedouro, que teve início em 2020 em virtude de a barragem próxima à comunidade estar em nível 2 de emergência, numa escala que vai até o nível 3.

Trazendo para as sensações, olhar para o campo hoje é como olhar para um papel amassado, já que o que foi visto e vivido quando as preocupações não eram tão latentes, não vão voltar e nem as próximas gerações presenciarão tamanha tranquilidade, seja no campo, seja em todo Antônio Pereira.

Um novo acesso foi construído, mas até sua conclusão, durante as partidas, principalmente aos sábados, o apito do árbitro era silenciado pelos caminhões e ônibus que iam e vinham incansavelmente. Funcionários transitavam em meio aos torcedores (e até paravam para espiar as partidas) e agora, ainda que a subida de caminhões e ônibus passando pelo campo não seja constante como antes, boa parte do nosso amado Estádio Manoel Furtado abriga grandes veículos de empresas privadas e assim será pelo menos até os próximos nove anos, prazo de conclusão da obra de descomissionamento, ou seja, da desativação da barragem de Doutor, e quando não haverá mais perigo para a população, como afirma a empresa responsável.

Olho em volta com saudades. A teoria da sala de aula se encaixa perfeitamente com o que vivo: aquele barulho típico de futebol mudou. Aquele nosso espaço tão nosso foi rendido por preocupação e desconfiança: estamos seguros com essa obra? Com essa gigantesca estrutura tão próxima? E a estrada continua lá porque nada será como antes. Aprendi com o Clube da Esquina e não imaginei que essa seria uma verdade tão dolorosa. E, pior que os sons ofuscados pela obra, é o medo de um som que pode vir a soar: o de uma sirene mandando que todos corram imediatamente.




ESTADO COMUNITARIO
MANUEL FURTADO
"PEREIRA"
[Illegible text below]



Ano: 2010

UNIDADE 03

*Pereirão e Nacional Futebol Clube: 4
linhas, 11 jogadores e infinitas histórias*



Nacional de Antônio Pereira

O Nacional de Antônio Pereira possui duas datas de nascimento: 1966 e 1994. Na primeira, trabalhadores de uma extinta empresa decidiram fazer um time dedicado ao distrito, já que apenas a Vila Samarco possuía tal recreação. A segunda marca a filiação do time pereirense à Liga Esportiva Ouro-Pretana, quando começa oficialmente a história de tradição, amor e títulos com ajuda de recursos e patrocinadores.

Seu nome seria “Brasil”, para surfar nas ondas da Seleção Brasileira de Pelé, Garrincha e Jairzinho, bicampeã do mundo em 1962, no Chile, e ainda que eliminada na primeira fase, em 1966 na Inglaterra, arrastava multidões de apaixonados por todo o país. Mas o nome Brasil não agradou. E em consenso, os idealizadores decidiram pelo brilhante: Nacional. Esse seria apenas de Antônio Pereira, mas daria tantas alegrias quanto o escrete canarinho a quem o acompanhasse.

Ao passear pelas ruas e perguntar sobre a década de 1960, saudosos são os nomes Antônio e Manoel Furtado (que também dá nome ao campo), Nelson

Catarino, Paulo das Graças, Geraldinho Minervino, Tãozinho e Baiano são nomes importantes e imediatamente ligados ao início da história do clube. Trabalhadores que uniram a paixão pelo distrito, pelo futebol e pelas resenhas.

94, ano da filiação e início de uma caminhada pelos campeonatos Ouro-Preтанos, sorte para a seleção brasileira: tetracampeonato mundial nos Estados Unidos sob o comando do técnico Carlos Alberto Parreira. O escudo é inspirado no Grêmio de Porto Alegre, com as cores azul, preta e branca. Mas, reza a lenda que a união dessas cores é para o agrado de Atleticanos e Cruzeirenses: quem torce para o Galo usa azul e branco e quem gosta do Cruzeiro usa preto e branco sem problemas.

Quando se fala desse time tricolor, sentimentos como emoção e nostalgia são despertados. O Clube está intimamente ligado às famílias que residem em Antônio Pereira, seja pelo passatempo de frequentar o campo e torcer pelo time do coração, ou por laços diretamente familiares que se tornam o mais puro afeto. Se, de brincadeira, fôssemos fazer um bingo de expressões, com certeza, em Antônio Pereira, colocaríamos: “meu pai jogou no Nacional”, “Eu lembro desse jogo do Nacional”, “iii, a gente acompanhava o Nacional para tudo que é lado”.

Essas lembranças, diretamente unidas ao afeto, são causadas pelo esforço coletivo. Desde a década de 1960, a comunidade se une para promover campeonatos e recreação aos atletas e moradores: com transporte, alimentação e patrocínios. É uma forma de respiro para uma comunidade que tem pouquíssimos recursos de cultura e de entretenimento: é fé na bola para uma nova realidade.

De modo geral, o Nacional de Antônio Pereira está sempre ligado às nossas melhores lembranças e se confunde com a história do próprio distrito, já que foi criado juntamente com a expansão da mineração. A semente, plantada em 1966, rendeu frutos colhidos 50 anos depois, com o título da primeira divisão de Ouro Preto. Não teve quem não chorou.

2

O jogo virou

Em 2010, ano da Copa do Mundo na África do Sul, embalada pelo hit “Waka – Waka”, da cantora Shakira, um grande jogo fez com que todos parassem o que estavam fazendo. Era um superclássico! Pelas ruas, só se falava disso e o confronto ficaria para sempre na história. Isso somado à alegria para toda uma nação. Sim, estou falando de Nacional de Antônio Pereira x Samisa, os dois times do distrito se enfrentariam pela semifinal da segunda divisão de Ouro Preto, com jogos de ida e volta.

No jogo de ida, que aconteceu no Estádio do Pereirão, o Samisa abriu o placar de pênalti e o jogo terminou em 1x0. E pelo lado do Nacional, um vestiário tomado por lágrimas de jogadores sem entender o que aconteceu, e desânimo. Um clássico daquele nível mexia com o emocional de jogadores e também de torcedores. Para que o leitor tenha uma dimensão do que esse clássico significava para a comunidade, ousou fazer uma comparação ao episódio da novela “Vale Tudo” (1988), em que se descobriria quem matou Odete Roitman. A partida de volta prometia.

Ao chegar no espaço de recreação, onde se localizava o campo do Samisa, três churrasqueiras já estavam acesas para comemorar a classificação do time da Vila Samarco. Pela teoria, estava tranquilo, segurar o 0x0 ou garantir uma vitória simples. Mas os deuses do futebol não brincam.

Em um contra-ataque, no final do primeiro tempo, Sávio cruzou uma bola e tocou para Bruno, que ao invés de chutar, driblou o zagueiro e abriu o placar para o Nacional: 1x0. Mas, ainda não era suficiente. No segundo tempo, numa cobrança de escanteio de Sávio, Remim, sem marcação na área, de cabeça, marca mais um: 2x0. Numa cobrança de falta, Sávio faz 3x0 e o Samisa é eliminado na sua casa. Com um gol para cada churrasqueira acesa pelo Samisa, o Nacional garantiu a classificação no campo do adversário.

3

O costurador

Quando chegou importado da Inglaterra ao Brasil, em 1894, o futebol, da forma que conhecemos, era destinado apenas aos ricos. Jogava-se em clubes nobres da cidade de São Paulo com toda a pompa e circunstância, não era um esporte para o povo: bolas e uniformes eram artigos de luxo e quem não pertencesse à elite, não passava nem perto de uma chuteira! Vez ou outra, frequentavam a área “geral” das torcidas, mas eram ignorados.

Porém, os deuses das quatro linhas já haviam predestinado que esse esporte seria, sim, do povo! E pelo poder do destino (e de chutes mal dados), as bolas saltavam os muros daqueles espaços excludentes e quem ficava de fora do espetáculo, podia aproveitá-lo do seu jeito, as regras foram aprendidas com uma boa observação. E assim pelas beiradas, o futebol amador, da várzea como conhecemos, foi se consolidando pelo Brasil afora.

O futebol fora do universo da profissionalização, é um grande espelho da distância econômica existente no país: se pela televisão temos a oportunidade de ver milionárias contratações, prêmios de valores inimagináveis, há poucos

metros, se bem repararmos existe um campinho de terra ou de grama batida, agonizando (morrendo jamais), mas recebendo muito esforço da população para que os jogos de todas as idades aconteçam. Ai que está a beleza.

Na década de 1980, um século depois do apito inicial, os artigos de qualidade para a prática de esportes, ainda eram de luxo e, para se ter acesso era necessário muito patrocínio e apoio, o que infelizmente, não era comum na época. Para que os meninos do Nacional de Antônio Pereira não deixassem de jogar suas partidas, havia uma figura muito importante: O Geraldinho, que fazia a função de “costurador”.

Explico. Com o tempo, é natural que bolas de futebol se desgastem e rasguem e seja necessário o descarte. Mas Geraldinho, carinhosamente apelidado, com muito zelo às costuravam para que pudessem ser reaproveitadas e reaproveitadas, até o momento que aparecesse uma forcinha de um patrocínio para materiais novos. Assim, os jogadores nunca ficaram fora do espetáculo por causa da ausência de materiais. O futebol amador é feito, sobretudo, de muito amor.

Posfácio

Para quem conhece, mesmo que pouco, sabe do amor da Hellen Perucci pelo futebol, desde o amador ao profissional. Como ela mesma escreveu, “as camisas que entram em campo, me arrisco a afirmar que possuem o mesmo (ou até maior) peso do que as camisas dos clubes de maior expressão”.

Hellen não apenas veste a camisa do futebol, mas sim se emociona com cada momento, cada detalhe. Desde o cachorro que entra no campo ou ela mesmo ao pisar na grama pela primeira vez para realizar a cobertura de um jogo. Emociona a ponto de abaixar a pressão ao se deliciar com um gol no Caldeirão da Barra; apesar que “o caldo do Pereira é mais forte”.

É emocionante ver o amor da Hellen pelo futebol. Mesmo sem ter a bola no pé, o simples fato de andar sobre o gramado já faz ela se arrepiar. E escrever sobre as vitórias dos outros times, é uma vitória para ela. Isso é comprovado em cada linha deste livro, repleto de amor pelo futebol, por Antônio Pereira e, claro, pelo jornalismo.

... segue o jogo!

Bastidores



11/02/2022

Deivisson Borges e Igor Lino. Estavam na categoria Juniores do Nacional.



07/02/2022

Helvécio Geraldo Alves: Figura importantíssima na história do Nacional: de presidente a técnico. Esteve em todas as conquistas.



05/12/2021

O juiz da várzea. Coitado. Mas guerreiro! Na foto: dioninha.



05/03/2022

Paulo Eduardo, Hellen Perucci e Campo do Pereirão. Porque até o diagramador faz checagens



22/02/2022

Gabriel Carvalho: Lateral do Nacional, campeão em 2016 da primeira divisão e do júniores.



22/02/2022

Gabriel Queiroz, volante e ex-atleta profissional e Dioninha técnico dos clubes amadores de Antônio Pereira, árbitro e narrador.

03/12/2021



Roberto Santos, Robertinho, ex-jogador do Nacional na Década de 1990.

04/04/2022



Janir Eunesio de Jesus, ex-jogador e presidente do Conselho (Nacional).



1966

Manoel Furtado
Fundador do Nacional Clube 1966

